

Resenha para o Jornal do Brasil (publicada em 8/7/1995)

ARISTÓFANES. As Nuvens/ Só para mulheres/ Um deus chamado dinheiro. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

Certa vez o tirano de Siracusa perguntou a Platão o quê deveria ler para conhecer melhor os atenienses. O filósofo, prontamente, recomendou a leitura das comédias de Aristófanes. Platão estava certo. Não há fonte que proporcione um acesso mais direto e rico à vida cotidiana dos habitantes de Atenas: das discussões filosóficas mais abstratas às formas de depilação empregadas pelas mulheres, passando pelas acusações de corrupção, pela denúncia transgressões sexuais, pela cobrança das dívidas, pelas iguarias (como as enguias do lago Copais ou o vinho de Tasos), pelas práticas judiciárias, pela educação das crianças, pelas danças, festas e banquetes, pelo espancamento dos escravos, pelas poções e vegetais utilizados na medicina popular, tudo isto e muito mais podemos aprender com as onze comédias de Aristófanes que chegaram até nós (apenas um quarto do total).

O poeta cômico empunhava uma verdadeira "metralhadora giratória": nada escapava do seu exame e da sua crítica, embora seus alvos preferidos fossem os líderes políticos, o poeta trágico Eurípides, Sócrates e todos os sofistas, os rapazes e homens com "traseiros frouxos" e inúmeros outros "tipos" de pessoas ou até mesmo deuses. A linguagem coloquial e desabrida é uma das características mais marcantes da obra aristofânica: a não ser por necessidade cômica, o poeta não costuma usar de eufemismos para se referir aos órgãos sexuais (femininos ou masculinos) ou aos excrementos, e lança mão dos mais pesados xingamentos, muitas vezes inventados por ele mesmo.

Este caráter "popular" da comédia deve-se ao contexto em que era produzida e apresentada. Mais de dez mil espectadores reuniam-se durante alguns dias para assistir aos concursos dramáticos (tragédia e comédia) em homenagem a Dioniso, uma divindade querida sobretudo pelos camponeses (que eram maioria entre os atenienses) e ligada ao vinho, à alegria, ao desregramento, à loucura. A comédia era filha da pólis democrática, do ambiente de debate acirrado e de intensa participação política característico da Atenas do século V a.C. O festival das Grandes Dionisíacas (bem como o das Lenéias), durante o qual eram encenadas as peças, mais do que uma atividade religiosa, era um empreendimento público, organizado pelos magistrados mais importantes da cidade e terminando em uma assembleia. Desta, todos os cidadãos podiam participar e era avaliado o desempenho dos organizadores bem como eram julgados os recursos impetrados por algum dos competidores (isto é: dos poetas) que se considerasse prejudicado. Em suma, tudo decorria nos moldes da prática política e judiciária da democracia ateniense.

Três das onze comédias preservadas são agora traduzidas por Mário da Gama Kury. Em As Nuvens, Aristófanes lança mão de um camponês endividado para satirizar e atacar os devaneios filosóficos de Sócrates e de seus discípulos (cujas doutrinas o poeta conhece muito bem). É simplesmente brilhante a forma pela qual ele opõe a sabedoria "terra-a-terra" do camponês ático, apaixonado por seus campos e animais, às questões "estratosféricas" e aos raciocínios tortuosos praticados pelos sofistas (dentre os quais ele inclui Sócrates). Ao contrário do que muitos dizem, não penso que Aristófanes fosse um conservador empedernido, inimigo de toda a mudança (e elas eram muitas na sua época). Vejo-o como

alguém dotado de lucidez suficiente para perceber e por a nu a contradição latente que a pólis carregava em seu bojo: a convivência entre dois mundos tão diferentes quanto o mundo das colheitas, dos figos, da lã, da fartura (como evoca saudoso, o camponês Estrepsíades) e o mundo dos conceitos abstratos, dos debates sobre a natureza do cosmos ou da virtude. Quando faz Sócrates morrer queimado no seu "Pensatório", antecipa em vinte anos a sua condenação pelo demos, que o obrigará a beber cicuta em 399 a.C. As duas outras peças são igualmente deliciosas: Só Para Mulheres critica, ao mesmo tempo, as mulheres atenienses e seu suposto difamador: Eurípides. Um Deus chamado Dinheiro, escrita no momento em que Atenas já perdera a Guerra do Peloponeso e seu império, é um ácido (mas sempre hilariante) retrato das agruras que enfrentavam os atenienses de então.

Finalmente, devemos tecer um comentário acerca da tradução. Por tudo o que já foi dito, conclui o leitor que a tradução deste tipo de obra não deve ser tarefa fácil. Creio que o tradutor acerta, sobretudo, quando não evita os termos rudes, obscenos ou escatológicos presentes no original. Penso, entretanto, que comete alguns exageros no afã de tornar o texto mais palatável para o leitor brasileiro. Em primeiro lugar, muda o título de duas das três comédias: As mulheres que celebram as Tesmofórias é o título original de "Só para mulheres", enquanto Pluto [deus da Riqueza] transformou-se em "Um Deus chamado Dinheiro". Aparentemente sem importância, tal prática é perigosa: e se o tradutor de Shakespeare resolvesse renomear Hamlet de Dilema Cruel ou coisa parecida? O pior é que isto é só o começo: uma dança grega de caráter licencioso (o *kordax*) é chamada de "lambada", bem como notamos a presença de termos brasileiríssimos como "forró" ou "boteco". Há também outro tipo de deformação, não menos grave, quando a Boulê, um conselho encarregado de preparar pareceres acerca das leis a serem votadas pela Assembléia, formado por quinhentos cidadãos atenienses eleitos por sorteio anualmente, aparece na tradução como "Senado". Isto leva o leitor a pensar, erroneamente, ou no caso romano ou, o que seria ainda mais catastrófico do ponto de vista do entendimento histórico, no órgão sediado em Brasília... Desta forma, o texto é parcialmente neutralizado, perde-se aquilo que há de mais valioso para o leitor moderno: a estranheza, a diferença, esta "substância" cultural que nos ajuda a refletir sobre nós mesmos.

Rio de Janeiro, 30/6/95

MARCOS ALVITO PEREIRA DE SOUZA